
THE SILENCE
BEFORE THE BANG
Action without noise.
Ferdinando

Wall Street: o silêncio antes do estrondo

Todo começo gera entusiasmo. O desconhecido não vem até nós; somos nós que vamos até ele. É uma sensação linda. Adrenalina, dopamina e toda a família delas nos empurram para a frente com uma convicção sem esforço. Ficam momentos pequenos, íntimos, todos nascidos do mesmo propósito. Não seguem uma tendência, um padrão ou um formato. Criam um.

Depois vem a expectativa dos resultados. É uma consequência natural da ação. Sacrifício, esforço e tempo investido parecem sempre pedir algo em troca. Às vezes o resultado se anuncia pelo ruído: aquele espaço em que as coisas produziram um efeito visível. Outras vezes chega pelo silêncio: aquele espaço em que as coisas produziram um efeito do mesmo jeito, mas sem que a gente se dê conta. Podem parecer idênticos, mas não são.

O ruído gera vozes, críticas, palavras, sinais sociais, declarações e manifestações. O silêncio produz os mesmos movimentos, só que longe dos nossos olhos. E no entanto o terreno comum entre esses dois mundos costuma ser uma coisa só: dinheiro. Ele aparece de muitas formas. Uma entrevista. Um anúncio. Uma convenção. Mas a mais concreta, a menos simbólica e a mais difundida continua sendo a transferência bancária. Capaz de gerar tanto bem-estar quanto mal-estar, embora quase sempre com efeitos temporários.

E lá estava eu, numa noite quente e úmida de agosto, já decidido a ir para a cama. O que fiz em vez disso? Levantei de um salto, fui até a escrivaninha, abri o computador e comecei a escrever esta reflexão. Mas por quê? Não tenho projetos, expectativas nem ambições. Vivo do que já é meu, e isso basta. Não espero mudar de vida, e agradeço a Deus todos os dias por manter as luzes acesas no palco da minha própria existência.

Então, o que aconteceu? Eu tinha acabado de conferir os dados de tráfego do meu site. Há um certo prazer em ver quantas pessoas visitaram, de que países vieram e que páginas exploraram. Tudo isso sabendo que eu não estava atrás de uma compra, porque tinha escolhido não vender literatura, não monetizá-la. Os filhos de Bezos já faziam esse trabalho. Nunca foi o meu.

Nos últimos dias, a web tinha registrado uma queda de 80%. Um colapso geral. Nenhuma conversa. Nenhum e-mail. Nenhum sinal externo. Só restava o silêncio. Um silêncio que falava e anunciava uma detonação. Os terremotos tinham me ensinado essa lição. E a natureza raramente se engana. Mas eu não estava preocupado. Estava simplesmente cheio de sorrisos e reflexões, ciente do que estava prestes a me acontecer. Era o silêncio antes do estrondo.

Para muitos, era ruído sem ação. Para mim, era ação sem ruído. Então, ao amanhecer, alguém bateu à porta. Não era um entregador. Era uma carta. Lacrada com cera vermelha. O remetente era simples: DYNAMITE. Mas eu a devolvi ao remetente. Eu só esperava os estrondos. Não aspirava a tanto.

Ferdinando